

BENJAMIN, Walter. *Passagens de Walter Benjamin*. TIEDEMANN, Rolf; BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (Org.). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG/Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.

Georg Otte  
Universidade Federal de Minas Gerais

**N**uma situação sem saída, não tenho outra escolha a não ser pôr fim à minha vida. É numa pequena vila dos Pireneus, onde ninguém me conhece, que a minha vida vai acabar. Peço à Sra. que transmita os meus pensamentos ao meu amigo Adorno e que lhe explique a situação na qual eu me encontrei. Não me resta tempo suficiente para escrever todas as cartas que gostaria de ter escrito.

É com essa carta a sua companheira de fuga, Henny Gurland, que Walter Benjamin faz o seu último pedido e se despede da vida. Sua

única bagagem ao tentar fugir da perseguição nazista é uma pasta preta contendo um manuscrito que, segundo o próprio Benjamin, era “mais importante que sua pessoa”. Há muitas especulações sobre o conteúdo dessa pasta – uma delas diz que se tratava da última versão das *Passagens*, que Benjamin considerava como a obra mais importante de sua vida e que foi lançada recentemente pela Editora UFMG, coroando, de certa maneira, a extraordinária recepção que a obra de Benjamin encontrou no Brasil.

Desde o início, a tentativa de fuga foi extremamente difícil para Benjamin, que não tinha condições

físicas necessárias para a secreta “rota F” nos acidentados Pireneus, pois sofria de problemas no coração. Quando o grupo de refugiados finalmente chegou à fronteira espanhola, os guardas deram a informação de que, no dia anterior, o governo espanhol do “Generalíssimo Franco” havia decretado o fechamento da fronteira para os refugiados vindos da França. Diante do péssimo estado de saúde de Benjamin, no entanto, as autoridades permitiram que passasse a noite em um pequeno hotel em Port-Bou. Foi nesta noite, de 26 a 27 de setembro de 1940, que Benjamin, com medo de ser entregue à Gestapo, tomou uma overdose de morfina para pôr fim à sua situação “sem saída”. Impressionados por esse suicídio, os mesmos guardas que impediram a entrada de Benjamin na Espanha deixaram que os outros membros do pequeno grupo de refugiados seguissem caminho.

Ter salvado a vida dos outros refugiados por meio de seu suicídio não foi a única ironia associada à morte de Benjamin. Se for verdade a hipótese de que o manuscrito na misteriosa pasta preta era uma última versão das *Passagens*, poderíamos acrescentar mais uma ironia a esse destino marcado pela falta de reconhecimento em vida e pela falta de sucesso em geral. Pois a tentativa fracassada de conseguir a passa-

gem pela fronteira franco-espanhola – com o manuscrito das *Passagens* debaixo do braço – pode ser vista como representativa de uma vida cheia de barreiras, como no caso da tentativa, também fracassada, de ser credenciado como professor catedrático na academia alemã. São sempre barreiras irônicas, uma vez que a tese que a banca havia recusado ganhou fama sob o título *Origem do drama barroco alemão* e é hoje um dos textos indispensáveis para quem trata de questões estéticas como a da alegoria.

Segundo Hannah Arendt, que em seu brilhante ensaio biográfico sobre Benjamin (publicado na coletânea *Homens em tempos sombrios*), a vida desse pensador estava mesmo sob o signo da má sorte, e o próprio Benjamin tinha certeza disso, pois não se cansava de citar o “corcunda”, esse personagem de conto que fazia com que toda ação de uma criança desse errado. Talvez, a certeza de Benjamin não fosse tanto a do fracasso, mas a dessa barreira irônica que lhe negava o sucesso junto aos seus contemporâneos, garantindo-lhe, no entanto, o sucesso póstumo.

Após ver sua tese recusada pela banca e assim a *passagem* para as honras acadêmicas barrada, Benjamin inicia seus estudos que iriam resultar nas *Passagens*, cujo título original é *Passagen-Werk* –

*Obra* ou, então, *Trabalho das Passagens*. O próprio Benjamin havia proposto outros títulos posteriormente, sendo que o título inicial ilustra bem o caráter provisório e proces-sual de uma coleção de fragmentos “em obras”. As *Passagens*, na verdade, não eram nada mais e nada menos que um imenso fichário com citações, anotações e comen-tários sobre a Paris do século XIX, um fichário “em obras”, dividido e subdividido em arquivos temáticos, também provisórios, e interligados através de palavras-chave, que desempenhavam ao mesmo tempo o papel de *links*, como diríamos hoje, estabelecendo ligações transversais entre os diversos arquivos.

Um imenso fichário amplamente *linkado*, uma obra de passagens múltiplas entre os diversos arquivos, uma *rede* com seus nós temáticos e suas ligações resistentes, permitindo ao mesmo tempo entradas várias, tinha tudo para se transformar em um grande *portal* chamado “Paris do século XIX”. Mas, uma vez que fichários não se publicam e a Internet não existia, Benjamin era obrigado a transformar os seus arquivos em textos que se prestassem às formas de publicação da época. Mais uma vez, a sina de azarão o atingiu quando o *Instituto de Pesquisa Social*, mais conhecido sob o nome de “Escola de

Frankfurt”, solicitou-lhe um texto sobre Baudelaire – e o considerou impublicável. Numa longa carta, de 10 de novembro de 1938, Adorno fundamentou a recusa, apontando como maior erro a “falta de mediação”, que se tornaria especialmente visível quando Benjamin se obriga a seguir as coordenadas marxistas:

Quero me expressar da maneira mais simples e hegeliana [!] quanto possível. Se não me engano muito, falta uma coisa a essa dialética: a mediação. [...] A omissão da teoria afeta a empiria. [...] Podemos dizê-lo também da seguinte maneira: o motivo teológico de dar um nome às coisas se inverte na tendência de uma representação admiradora da mera faticidade. [...] O efeito que parte do trabalho como um todo [...] é que o Sr. se violentou a si mesmo [...] para pagar tributos ao marxismo que não servem a este, nem ao Sr.

Transformando a coesão aberta e múltipla da rede na coesão fechada e unidimensional do texto linear, Benjamin havia resistido ao fluxo fácil das mediações lógicas e sintáticas. Aplicando cortes e saltando de assunto em assunto sem aparente motivo, ele insistiu em preservar o caráter fragmentário do seu fichário e da decorrente liberdade do leitor de se movimentar

“aos pulos”. Mas, se o “estilo cinematográfico” era admitido e até apreciado no âmbito da literatura, sua passagem para a esfera pública da vida intelectual era barrada pelas convenções acadêmicas.

Parece ser mais uma ironia dessa história o fato de que o mesmo Adorno, que, nos anos trinta, foi o responsável pela recusa do ensaio sobre Baudelaire, passe a fazer a apologia da escrita benjaminiana duas décadas mais tarde, em textos antológicos como “O ensaio como forma” e “Parataxe”, evidenciando as qualidades de um estilo “paratático”, que se limita à sintaxe aparentemente simplista das orações justapostas e coordenadas – *sem* as mediações anteriormente cobradas.

Traduzir e publicar os fragmentos das *Passagens*, portanto,

não significa apenas fazer jus a um dos pensadores mais importantes do século XX, mas representa ao mesmo tempo a forma mais adequada de reproduzir esse pensamento, avesso a uma noção de texto como passagem de mão única – para citar a primeira obra experimental de Benjamin (“Rua de mão única”). Graças à tradução cuidadosa de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão, à colaboração de Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos e ao engajamento infatigável do Prof. Wander Melo Miranda, diretor da Editora UFMG e responsável pelo pioneirismo da edição, o leitor de língua portuguesa, pela primeira vez, tem acesso ao *opus magnum* de Walter Benjamin.